

Nº 80, dez/97, p.1-2



INTRODUÇÃO DE ESPÉCIES ARBÓREAS EM SISTEMAS DE PRODUÇÃO DE PALMITO DE PUPUNHA: EXTREMA, RONDÔNIA

Claudenor Pinho de Sá¹
Luís Claudio de Oliveira²

O plantio da pupunha (*Bactris gasipaes* H.B.K.) para extração de palmito e produção de fruto, vem se constituindo nos últimos anos numa alternativa para os pequenos produtores, em virtude dos preços dos produtos nos mercados interno e externo e ao aumento da demanda.

Os plantios para a produção de palmito os produtores têm optado pelo sistema exclusivo, apesar desta prática contrariar a lógica da pequena produção, que consiste na diversificação das explorações, além das vantagens dos consórcios sobre o monocultivo. A superioridade dos consórcios pode ser explicada pela teoria ecológica, enfocando que a produtividade potencial pode ser aumentada em estandes manejados para conter mais de uma espécie florestal. A base desta vantagem é fundamentada na teoria dos nichos: duas ou mais espécies que utilizam recursos diferentes coexistindo no mesmo sítio. O uso diferente de recursos entre espécies, sugere que as espécies em consórcios talvez utilizem os recursos do sítio mais completamente do que em plantios exclusivos, proporcionando um ganho de produtividade (Vandermeer 1989).

Consórcios podem produzir mais que monoculturas quando as espécies apresentam: 1) diferenças em altura, forma, ou eficiência fotossintética da folhagem; 2) diferenças ecológicas, como época de produção de folhagem e duração da atividade fotossintética e 3) diferenças na estrutura de raiz, particularmente profundidade. Essas características influenciam a competição interespecífica, sendo que as espécies que apresentam diferenças importantes entre essas características, quando coexistem em consórcio com alta produtividade são consideradas de boa "habilidade de combinação ecológica". (Harper 1977).

Burniske (1994) afirma que as atividades florestais devem oferecer opções economicamente viáveis para os membros da comunidade. Os participantes devem beneficiar-se das atividades florestais a curto e médio prazos e tais opções devem ser mais atrativas que a agricultura de derrubada e queima.

Neste contexto, a exploração dos recursos florestais, por meio da introdução de espécies arbóreas em sistemas de produção de pupunha, apresenta-se como alternativa para o aumento da renda, biodiversidade do sistema e seqüestro de carbono. É importante destacar que a comercialização da semente de pupunha apresenta-se como uma alternativa econômica, uma vez que as condições edafoclimáticas das demais regiões do país apresentam sérios problemas na produção das mesmas. A seleção de plantas de pupunha para a produção de sementes, após a fase inicial da exploração do palmito, passa a ser mais uma opção para estes produtores.

Avaliou-se o desempenho econômico de seis simulações (Tabela 1), incluindo-se alterações no sistema de produção, como adubação, mudas produzidas em sacolinhas e a alternativa de produzir semente após o ciclo de exploração do palmito, nas áreas consorciadas com a teca (*Tectona grandis*) e samaúma (*Ceiba pentandra*).

Os dados utilizados foram coletados por meio de entrevistas envolvendo produtores do Projeto de Reflorestamento Consorciado e Adensado – RECA que plantaram pupunha em 1995. A idade de corte foi baseada em função de estimativas de crescimento encontrado na literatura. Os espaçamentos foram considerados em função do número final de árvores na exploração em condições de plantios homogêneos com estande de 200 plantas por hectare. O preço da estipe foi estimado em R\$ 0,50 e o do fruto a R\$

¹ Eng.-Agr., M.Sc., Embrapa Acre, Caixa Postal 392, CEP 69908-970, Rio Branco, AC.

² Eng.-Ftal., B.Sc., Embrapa Acre.

CT/80, CPAF-Acre, dez/97, p.2

0,25/kg.; a tora foi considerada o preço pago nas serrarias em Rio Branco; à produção e ao custo de exploração (derrubada e arraste) foi atribuído o mesmo preço das explorações de cultivo racional.

TABELA 1. Caracterização e vida útil dos sistemas de produção simulados.

Caracterização do modelo	Vida útil(anos)
Palmito de pupunha ¹	11
Palmito de pupunha ²	11
Palmito de pupunha e madeira (samaúma) ²	30
Palmito de pupunha e madeira (teca) ²	25
Palmito de pupunha, semente e madeira (samaúma) ²	30
Palmito de pupunha, semente e madeira (teca) ²	25

¹ plantio de mudas de raiz nua

² plantio de mudas em sacolinhas

Na análise do benefício-custo observa-se a inviabilidade econômica do sistema que utiliza mudas de raiz nua e produz apenas palmito, comparando as receitas e os custos do modelo, ao longo de sua vida útil. Enquanto que o sistema que utiliza mudas em sacos plásticos e produz palmito, fruto e madeira (teca), foi o que apresentou o melhor desempenho econômico, pois tanto o valor atual dos lucros e da relação benefício-custo foram superiores aos demais, admitindo que a taxa de juros seja de 6% ao ano.

TABELA 2. Receitas, despesas, lucro e relação benefício/custo por hectare, segundo os modelos simulados.

Modelo	Receita	Despesas	Lucro	Benefício/custo
1	8.473,37	8.730,93	-257,56	0,97
2	12.797,47	9.816,54	2.980,93	1,30
3	13.075,39	11.273,14	1.802,25	1,16
4	24.400,22	11.291,27	13.108,95	2,16
5	21.710,89	12.459,21	9.251,67	1,74
6	31.385,72	12.208,84	19.176,87	2,57

Obs.: Valores atualizados a taxa de juros de 6% ao ano.

Portanto, concluiu-se que na busca de soluções sustentáveis ecológica e economicamente para a produção agroflorestal, o melhor desempenho pode ser alcançado com o sistema de produção que produz palmito, explora madeira (mogno) e após a fase de exploração de palmito, seleciona-se matrizes que poderão ser conduzidas à produção de frutos para o mercado regional ou como sementes para o Sul e Sudeste do País.

A introdução de espécies arbóreas com “habilidade de combinação ecológica” no sistema de produção de palmito praticado por pequenos produtores, introduz também a prática da silvicultura, aumentando a oferta de madeira produzida de maneira sustentável e reduzindo a médio prazo a pressão sobre as florestas primárias, bem como contribui para o aumento da renda, biodiversidade e sequestro de carbono.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BURNISKE, G. **La OIMT y las comunidades de América Latina**. Actualidad Forestal Tropical. V.2, n.4, 1994.

GLADSTONE, W. T. & LEDIG, F. T.. **Reducing pressure on natural forests through high-yield forestry**. Forest Ecology and management. Weyer Hauser Company. 1990. P. 69-78.

HARPER, J. L. **Population biology of plants**. Academy Press. New York, 1977. 892p

VANDERMEER, J. **The ecology of intercropping**. Cambridge University Press. 1989. 237p.

